Prefácio

“Navegar é preciso”, viajar de forma inteligente também:
apontamentos para um possível roteiro cultural ítalo-brasileiro

Aniello Angelo Avella

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

AVELLA, A.A. Prefácio - “Navegar é preciso”, viajar de forma inteligente também: apontamentos para um possível roteiro cultural ítalo-brasileiro. In: MARAFON, GJ., SOTRATTI, MA., and FACCIOLO, M., comps. *Turismo e território no Brasil e na Itália: novas perspectivas, novos desafios* [online]. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014, pp. 7-13. ISBN 978-85-7511-445-2.
<https://doi.org/10.7476/9788575114452.0001>.

All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Prefácio

“Navegar é preciso”, viajar de forma inteligente também: apontamentos para um possível roteiro cultural ítalo-brasileiro

Aniello Angelo Avella

*Navegadores antigos tinham uma frase
gloriosa: ‘Navegar é preciso; viver não
é preciso’. Quero para mim o espírito
desta frase...*

Fernando Pessoa

Fenômeno de grande atualidade, o chamado “turismo cultural” (expressão problemática pela dificuldade de definir e conciliar os termos *turismo* e *cultura*) merece ser estudado em seus diversos aspectos. Entre eles, são de especial relevância os motivos históricos ligados à tradição da viagem cultural e suas implicações socioeconômicas, que revelam os mecanismos por meio dos quais se torna possível usufruir da cultura como elemento de lazer. Ao mesmo tempo, é preciso levar em consideração a característica peculiar da viagem, fonte primária do “novo”, pois ela cria relações sociais entre pessoas e povos diferentes, situações de sociabilidade

que produzem transformações das identidades sociais. Quando uma pessoa ou um povo entra em contato com outros grupos étnicos, é obrigado a pôr em discussão alguns aspectos do seu próprio estilo de vida para definir uma imagem de si que o torne distinguível e compreensível aos olhos dos “outros” (Leed, 1991).

Deixando de lado as dificuldades teóricas e conceituais de uma definição de “turismo cultural”, parece evidente a importância da conservação e preservação do patrimônio artístico, seja como memória de acontecimentos e tradições, seja como fator de atração do viajante, com significativas implicações no campo econômico. A Itália, com a extraordinária riqueza do seu acervo monumental, sempre foi e continua sendo uma das principais metas do turismo mundial; as comemorações dos 150 anos da unificação (1861-2011), momento de profundas reflexões sobre o processo de formação da identidade nacional, ensejaram a revisão do papel da paisagem e dos monumentos na construção da imagem do país. Ao mesmo tempo, os problemas derivados da exploração incontrolada do território e das alterações do sistema hidrogeológico se tornaram assuntos cada vez mais urgentes no debate político e institucional.

O Brasil, por sua vez, oferece aos visitantes os encantos da sua natureza, a variedade das paisagens, a enorme biodiversidade e pluralidade de tradições. Também em vista dos grandes eventos esportivos dos próximos anos, é importante repensar criticamente estratégias de desenvolvimento territorial, educacional e cultural, e implementar as sinergias entre os múltiplos atores envolvidos.

No panorama de ofertas, o visitante “inteligente” poderá encontrar uma “jazida artística” ítalo-brasileira ainda quase inexplorada. Trata-se da coleção que D. Pedro doou ao Brasil logo depois da morte da sua esposa, a napolitana Teresa Cristina de Bourbon, querendo que levasse o nome dela. A coleção é formada por cerca de 20 mil itens, incluindo incunábulo, livros raros, fotografias de época, quadros de grandes autores italianos – como

Tiziano, Tintoretto, Annibale Carracci e Salvator Rosa –, gravuras de Piranesi e de outros artistas e objetos de arte. A Coleção Teresa Cristina encontra-se em boa parte localizada no Rio de Janeiro: na Biblioteca Nacional, no Museu Histórico Nacional e no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB). Este possui também farta documentação referente às relações da imperatriz com sua família em Nápoles.

Também de enorme importância é o acervo de arte pompeiana e etrusca que hoje se encontra no Brasil graças à imperatriz napolitana. Educada no clima de grande interesse pela arqueologia despertado pelas escavações realizadas nas cidades de Herculano e Pompéia, Teresa Cristina conhecia muito bem as ricas coleções do Museo Borbonico de Nápoles. Na bagagem que trouxe com ela no navio aportado em 1843 no Rio de Janeiro, estavam numerosas caixas repletas de peças antigas.

Estando no Brasil, ela promoveu escavações numa área da sua propriedade em Veio, ao norte de Roma, uma pequena cidade que primeiro foi etrusca e, depois, integrada ao domínio romano. Para dirigir essas escavações, Dona Teresa Cristina convidou os dois célebres arqueólogos italianos, Canina e Lanciani. Entre as obras mais representativas está a magnífica escultura representando Antínoo, que foi doada em 1880 pela imperatriz à Academia de Belas Artes do Rio de Janeiro. A estátua encontra-se hoje no Museu Nacional de Belas Artes. Até a proclamação da República em 1889, quando foi obrigada a partir para o exílio ao lado de D. Pedro, a imperatriz continuou a enriquecer sua coleção, composta por mais de setecentas peças, em boa parte expostas nas salas da Quinta da Boa Vista.

A partir de tais considerações, não é difícil evidenciar aspectos, momentos e figuras proeminentes do processo de aproximação entre Itália e Brasil, por meio dos relatos de personalidades capazes de realizar uma “viagem inteligente”, conforme o título de uma coletânea que reúne os textos de sete famosos escritores.

Entre eles, está “Um passeio pelo eterno”, de Antonio Callado, o relato de uma espécie de moderno *Grand Tour* pela Itália, realizado pelo escritor em 1991 (Emedato, 2004).

Do ponto de vista histórico, há de se tomar como ponto de partida a metade do século XIX, quando o Brasil estava começando a definir os traços fundamentais das suas estruturas políticas, sociais e culturais, enquanto a Itália vinha completando o seu “*Risorgimento*”, para se tornar nação (Lupo, 2011).

As migrações do final do século, que produziram o deslocamento de grandes contingentes da população italiana para as Américas, lançaram no Brasil as raízes da comunidade de “*oriundi*”, que, com cerca de 35 milhões de indivíduos, hoje constitui a maior colônia de origem italiana no mundo.

A imigração italiana no Brasil, impulsionada pelos problemas econômicos e sociais da nação recém-unificada, foi favorecida por fatores ligados às heranças culturais comuns, cuja expressão maior foi a imperatriz Teresa Cristina de Bourbon. A sua biografia, recentemente publicada, visa resgatar uma personalidade injustamente pouco e mal considerada pela historiografia (Avella, 2011). Na realidade, a sua ação foi elemento dinamizador de eventos de grande vulto. O Rio de Janeiro tornou-se, graças às iniciativas de Teresa Cristina, o ponto de partida e chegada de inúmeras travessias entre os dois lados do oceano, nos campos da música, da literatura, do teatro, das artes plásticas, com evidentes implicações políticas e sociais. Desta forma, toma uma nova configuração, em termos histórico-culturais, a atuação dos numerosos italianos que animaram a cena carioca no final do século XIX e início de XX, dos quais se deve reconhecer o contributo extraordinário na modernização da cidade. Oriundos em boa parte do Sul da Itália, terra de origem de Teresa Cristina, eles se assinalaram em todos os setores da vida social. Ao lado de empresários que fizeram sucesso e dinheiro, como os irmãos Antonio e Giuseppe Jannuzzi, estavam os “*scalpellini*”, chegados da pequena cidade de

Fuscaldo, na Calábria, assim como os trabalhadores da citricultura e da produção de carvão que atuaram na atual Baixada Fluminense, os operários do complexo têxtil da Gávea Fabril, onde uma rua era chamada “Baixa Itália”, e ainda os jornalheiros “*calabresi*”, que se tornaram donos de praticamente todas as bancas da cidade (Schiavo Weyrauch, 2009).

Com base neste panorama histórico, pode-se dizer que o Segundo Império foi um “momento decisivo” – usando uma famosa expressão de Antonio Candido – na construção do sistema de relações políticas, sociais e culturais entre Brasil e Itália; foi o período em que as numerosas e esparsas influências italianas deixaram de ser episódicas para se tornarem sistêmicas. A partir daí, a visão da Itália como pátria da arte, da criatividade, do engenho e do bom gosto começou a tomar uma dimensão cada vez mais ampla no imaginário coletivo dos brasileiros. Já no século XX, artistas como Eliseu D’Angelo Visconti, nascido numa pequena aldeia da região de Nápoles, Victor Brecheret, Anita Malfatti, José Pancetti, Cândido Portinari e tantos outros deram vida aos melhores resultados da “deglutição” da herança italiana em suas obras.

Entre os que sabiam viajar de maneira “inteligente” à época do Segundo Império, Nísia Floresta ocupa um lugar de especial destaque. Nascida no interior do Rio Grande do Norte, em 1810, com o nome de Dionísia Gonçalves Pinto, ela residiu também em Pernambuco, Rio Grande do Sul e Rio de Janeiro antes de se mudar para a Europa, em 1849. Ela residiu em Portugal, Inglaterra, Itália, França, viajou frequentemente pelos países do velho mundo e faleceu em 1885 em Rouen, no interior da França.

Nísia Floresta, como se sabe, foi pioneira em várias frentes; por exemplo, foi uma das primeiras a defender os direitos das mulheres. Em 1859, em Florença, ela publica *Scintille d’un’ anima brasiliana*, que reúne cinco ensaios: “Il Brasile”, “L’abisso sotto i fiori della civiltà”, “La donna”, “Viaggio magnetico” e “Una passeggiata al giardino di Lussemburgo”. Durante este ano e nos

dois seguintes, a autora viaja pela Itália e a Grécia, residindo em diversas cidades.

Em 1864, em Paris, foi publicado o primeiro volume de *Trois ans en Italie, suivis d'un voyage en Grèce*. Nesse livro, Floresta debate os problemas políticos e sociais italianos e reflete sobre a história e as manifestações culturais locais. Ao mesmo tempo, ela condena com força a escravidão no Brasil. Esse “diário de viagem” constitui um valioso documento para o estudo da história italiana, principalmente porque a autora relata, em suas páginas, os acontecimentos observados pela perspectiva dos dominados. *Trois ans en Italie* compõe um “afresco” da vida social e política italiana da época, tornando-se fonte de pesquisa para estudos de natureza científica, referentes à história, antropologia, sociologia, literatura, arte.

A lista de autores brasileiros descrevendo a Itália e “construindo” a sua imagem é extensa. Carlos Magalhães de Azeredo, o mais novo dos fundadores da Academia Brasileira de Letras, morou durante muitos anos na capital italiana a partir de 1896. Em suas *Memórias*, ele escreve páginas cheias de carinho pela “divina Roma” (Azeredo, 2003).

Em seus *Poemas italianos*, compostos durante uma viagem em 1953, Cecília Meireles contempla as antiguidades de “Roma dos altos sonhos e das largas ruínas”, bebe as águas mitológicas de suas fontes, observa carinhosamente características e costumes dos seus habitantes, encanta-se com as belezas de Florença, Siena, Pisa, Pistoia, Veneza, Milão, Nápoles, Sorrento. Na criação literária de Cecília, passado, presente, história, lenda e mito cruzam-se num mosaico marcado pela vivacidade das cores. A poetisa viaja pela Itália e escreve com a atitude de quem está regressando às suas raízes mais profundas, para usar a metáfora fitomórfica tão cara a Sérgio Buarque de Holanda.

Roma seria o princípio de tudo aos olhos de Cecília e, em geral, dos intelectuais brasileiros que visitam a Itália. A empatia

ente as duas culturas é tamanha que Darcy Ribeiro chega a dizer: “A nova Roma está aqui. Encarnada em lusitanidade, Roma nas Américas vestiu-se de carne índia e de carne negra para construir esta enorme latinidade” (Ribeiro, 1987).

Sérgio Buarque de Holanda, professor na Universidade de Roma entre 1952 e 1954, e depois seu filho Chico, exilado na capital italiana em 1969, Murilo Mendes, Haroldo de Campos, Antonio Callado, Silviano Santiago e numerosos outros, ao visitar a Itália, ficam marcados pela paixão e declaram o seu *Amor a Roma*, conforme o título palindrômico de um livro de Afonso Arinos de Melo Franco (1982).

Num imaginário mapa-múndi sentimental da cultura brasileira, Roma e Itália ocupam sem dúvida um lugar privilegiado. Os italianos em geral, por sua vez, ainda consideram o Brasil em especial pelo lado exótico e pela cordialidade com a qual se sentem acolhidos. É chegada a hora de modificar estereótipos e lugares comuns, abrindo espaços para uma ou mais formas de “viagem inteligente”.

Referências

- AZEREDO, Carlos Magalhães de. *Memórias*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2003.
- EMEDATO, Luiz Fernando (org.). *Viagem inteligente*. São Paulo: Geração Editorial, 2004.
- LEED, Eric. J. *The mind of the travelers. From Gilgamesh to global tourism*. Nova York: Basic Books, 1991.
- LUPU, Salvatore. *L'unificazione italiana*. Roma: Donzelli, 2011.
- RIBEIRO, Darcy. “Siamo noi i neo-romani”. *L'Illustrazione Italiana*, Milão, jul. 1987, n. 44, a. CXV.
- SCHIAVO WEYRAUCH, Cléia. *Deus abençoe esta bagunça. Imigrantes italianos na cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Comunità, 2009.